Nora e o abeto do coração



Avó Inga

Este livro pertence a

_____

Bem-vindo a este livro de exemplo! Foi feito tal como será o seu, a partir das fotografias e escolhas mostradas ao lado, e mostra como pode ser uma história da Saga para si. Folheie, leia e imagine a sua criança como a heroína do seu próprio conto.

Cheirava a folhas molhadas e a manhã fria quando Nora apertou o fecho da sua pequena mochila. Lá dentro estavam o bloco de desenho, três lápis de cor e uma maçã com uma amolgadela que parecia uma boquinha. A Avó Inga segurava um cesto entrançado. «Hoje vamos procurar cantarelos para a minha tarte de cogumelos», disse ela. «Se a floresta estiver com disposição.»

Nora semicerrrou os olhos para as árvores junto à estrada. «Mas tu tens o teu lugar secreto dos cogumelos.» A Avó Inga sorriu, deixando as bochechas redondas. «Vou lá desde que era pequena.» Nora puxou o fecho até ao queixo. «Então vamos uma coisa de cada vez», disse ela. «Primeiro encontramos a floresta.»





A floresta começava atrás de uma pedra velha, à beira da estrada. Era ali que devia entrar o caminho estreito, disse a Avó Inga. Mas havia pequenos vidoeiros a crescer mesmo no meio dele, e os fetos tinham pousado as suas penas verdes sobre o chão.

A Avó Inga deu alguns passos para a esquerda, depois alguns para a direita. Olhou para um cepo coberto de musgo e enrugou o nariz. «Não. Isto não era assim quando eu tinha seis anos.» Nora olhou para o cesto. Estava vazio, vazio, vazio. «Talvez o caminho tenha mudado de lugar?», perguntou ela. A Avó Inga riu-se um bocadinho, mas não muito. «Os caminhos raramente mudam de lugar. Podem desaparecer.» Nora olhou por entre as árvores. Lá dentro, o musgo parecia uma almofada verde.

Nora não queria voltar para casa com um cesto vazio e uma forma de tarte à espera. Apontou para o musgo entre os pinheiros. «Disseste que primeiro se atravessa o musgo. Eu lembro-me.»

«Acho que disse isso», respondeu a Avó Inga. Nora pousou uma bota numa clareira, depois a outra. Contornou as plantinhas que acabavam de despontar da terra. «Uma coisa de cada vez», disse ela. «Primeiro, o musgo.» A Avó Inga ficou mesmo atrás dela, perto o suficiente para ajudar se uma pedra estivesse escorregadia. «Podes ser uma exploradora de caminhos», disse ela. Nora levantou o queixo. Soava a um trabalho com bolsos muito importantes.





Depois do musgo, erguia-se um formigueiro junto à raiz de um pinheiro, castanho e redondo como uma almofada espinhosa. As formigas corriam para cima e para baixo, para cima e para baixo, com agulhas de pinheiro e coisinhas minúsculas na boca. Nora inclinou-se para a frente, mas manteve as mãos atrás das costas.

«Passamos pelo formigueiro», disse ela. «Era a coisa seguinte!» A Avó Inga assentiu. «Ouviste melhor a minha história do que eu.» Nora deu uma volta pelo caminho mais torto à volta do formigueiro. «Elas já têm muito que fazer.» Do outro lado, ouvia-se um borbulhar baixinho, quase como se alguém sussurrasse dentro de um regador. Nora parou tão depressa que o cesto da Avó Inga balançou. «Estás a ouvir?»

O riacho brilhava entre pedras escuras de água. Numa poça tranquila, folhas amarelas rodopiavam, rodopiavam, rodopiavam. A Avó Inga apontou para um ramo velho por cima da água. «Costumava ser a minha ponte.»

Nora olhou para o ramo escorregadio e depois para a Avó Inga. «Não precisamos de uma ponte. Vamos seguir ao longo do riacho, não atravessá-lo.» Ela seguiu pela margem e passou por cima de uma raiz. A Avó Inga veio atrás, tão perto que as botas das duas quase se tocavam. «Uma coisa de cada vez», disse Nora. «Agora, o riacho.» Mas, quando a água fez uma curva por trás de um arbusto, o monte ergueu-se diante delas. De perto, parecia muito maior.





«Subimos ao monte com vista», disse Nora. A Avó Inga tinha-lhe falado disso uma vez, quando desenhara pequenos cogumelos no guardanapo de Nora, à mesa da cozinha. Nora encontrou uma rocha larga e seca. Firmou bem a bota, agarrou numa raiz grossa e começou a subir.

«Devagar», disse a Avó Inga mesmo atrás dela. Nora queria despachar-se, mas respirou fundo e moveu uma mão de cada vez. Lá em cima, sacudiu as agulhas de pinheiro do joelho. «Uma coisa de cada vez», murmurou. Não havia ali nenhum cantarelo. Só pedra, urze e um céu enorme. O cesto continuava vazio ao lado da Avó Inga.

Do monte, Nora viu o riacho a brilhar como uma fita torta entre as árvores. Os vidoeiros estavam amarelos e os abetos quase pretos. Algures lá em baixo ficava o lugar da Avó Inga, embora se escondesse muito bem.

«Qual era o abeto?», perguntou Nora. A Avó Inga pôs a mão sobre os olhos e procurou. «Um abeto grande. Mas numa floresta há bastantes abetos.» Nora agachou-se e desenhou no cascalho: um formigueiro, um riacho, um monte. Fez um abeto com muitos traços rápidos, mas o dedo parou a meio do tronco. «Espera», disse ela. «Tu contaste mais alguma coisa sobre aquele abeto.»



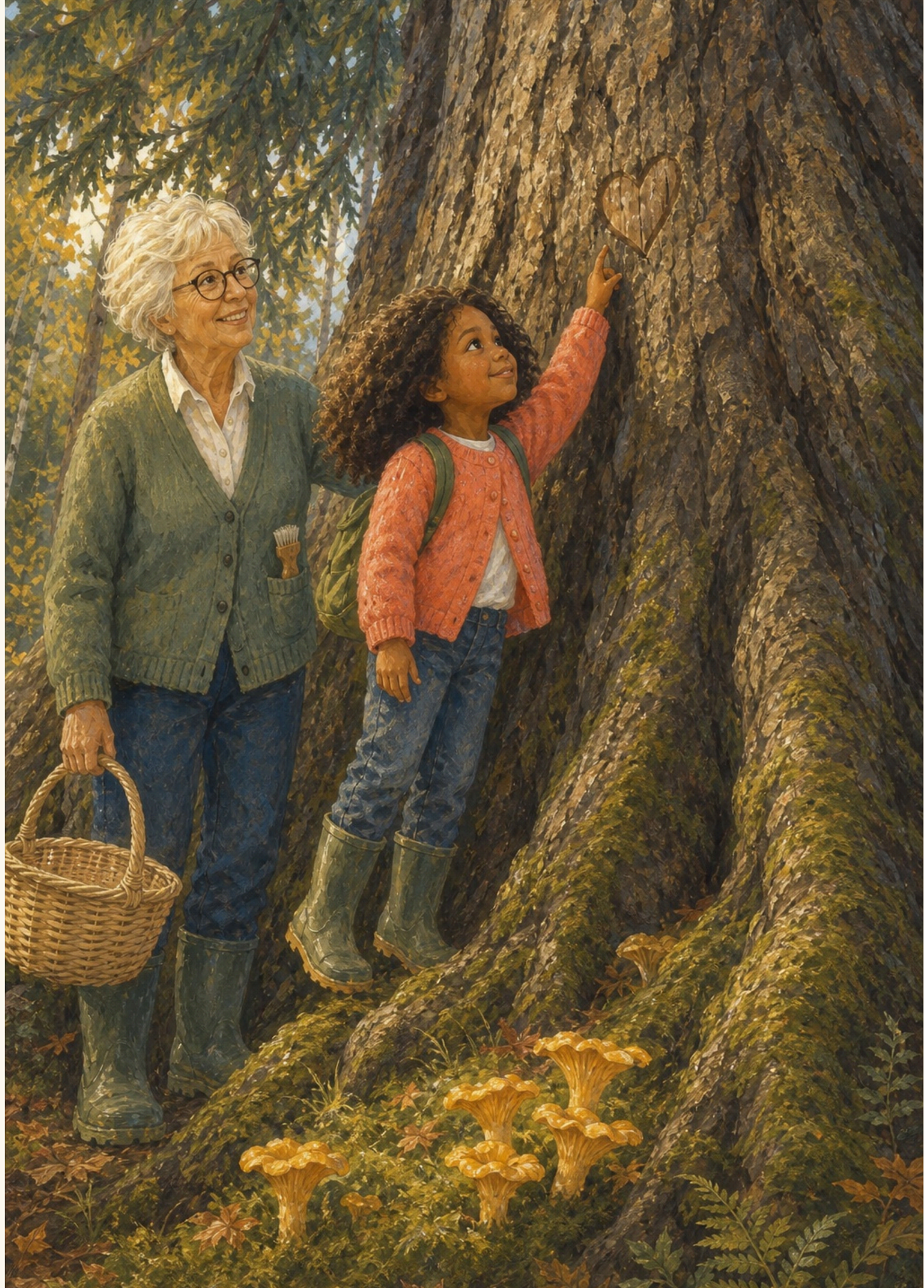


A Avó Inga olhou para o desenho de Nora no cascalho. «Contei sobre...» Ela apertou os olhos. Nora desenhou um coração no meio do tronco do abeto.

«O coração!», exclamou ela. «Há um coração gravado no grande abeto.» A Avó Inga levou a mão à testa. «É verdade. O meu irmão mais velho gravou-o quando era pequeno, e eu achava-o muito bonito.» Nora apontou para um abeto que se erguia com uma copa larga e escura. «Aquele é o maior.» A Avó Inga semicerrrou os olhos para as árvores lá em baixo. «Pode ser esse.» Nora levantou-se e sacudiu as mãos. «Então vamos ver. Uma coisa de cada vez.»

Por baixo do monte, a floresta tornou-se mais escura e silenciosa. Nora ia à frente, mas esperava pela Avó Inga junto às raízes e às pedras. O grande abeto estava ali, com raízes como dedos grossos sobre o chão.

Nora deu uma volta ao tronco. Ao princípio, só viu casca rachada e um caroço de resina velha. Depois viu dois traços curvos e uma pequena ponta. «O coração!», gritou ela. A Avó Inga aproximou-se e pousou a ponta do dedo junto à marca, sem tocar na casca. «Aqui está ele.» Nora olhou para baixo, entre as raízes. Algo brilhava amarelo no musgo, como pequenos chapéus de sol debaixo do abeto.





À volta das raízes do abeto, cresciam cantarelos em pequenos grupos amarelos. Nora encontrou um, depois três, depois tantos que teve de voltar a contar. A Avó Inga tirou a sua pequena escova para cogumelos. «Só apanhamos aqueles que as duas reconhecemos», disse ela, e Nora mostrou cada cogumelo antes de este poder ir para o cesto.

«Os muito pequeninos ficam aqui», disse Nora, apontando para alguns que mal tinham aberto os chapéus. Escolheu cantarelos grandes e bonitos, e a Avó Inga escovou as agulhas de pinheiro e a terra. Uma coisa de cada vez: olhar, perguntar, apanhar, escovar. Em breve, havia um pequeno monte dourado no cesto. «Chega para a tarte?», perguntou Nora.

A Avó Inga inclinou-se sobre o cesto e sorriu. «Para uma tarte muito boa.» No caminho de volta, o formigueiro continuava junto ao pinheiro e as formigas ainda se apressavam. O musgo era fofo debaixo das botas. O riacho borbulhava, e as folhas rodopiavam, rodopiavam, rodopiavam.

Nora contou as pistas pelos dedos. «O musgo. O formigueiro. O riacho. O monte. O abeto do coração.» A Avó Inga espreitou para ela. «E o que fazemos no próximo ano, quando os fetos tentarem esconder outra vez o caminho?» Nora apertou os lábios, como se fosse uma pergunta muito difícil. Depois deu uma palmadinha na mochila, onde estava o bloco de desenho. «Desenhamos, claro.» Em casa esperavam a farinha, os ovos e a forma de tarte.





Em casa, a Avó Inga pousou farinha, manteiga, ovos, queijo e uma forma de tarte redonda. Nora lavou as mãos durante tanto tempo que a água ficou fria. Depois pressionou a massa na forma com os dois polegares. Primeiro, a borda ficou fina de um lado e supergrossa do outro.

«Parece um monte», disse Nora. «Um monte com muita fome», disse a Avó Inga. Juntas, alisaram a borda. Nora espalhou os cantarelos sobre a base, enquanto a Avó Inga batia os ovos com o resto do recheio. «Uma coisa de cada vez», disse Nora. «Primeiro a massa. Depois os cogumelos. Depois o queijo.» Quando a tarte entrou no forno, a janela da cozinha voltou a embaciar-se.

Enquanto a tarte arrefecia, Nora abriu o seu bloco de desenho. O musgo tornou-se numa grande almofada verde. O formigueiro tornou-se numa colina às pintinhas. O riacho ganhou uma curva azul, o monte um topo cinzento, e o abeto ficou tão grande que quase saía do papel.

«Não te esqueças do coração», disse a Avó Inga. Nora fez um coração vermelho no tronco e um pequeno ponto amarelo junto às raízes. Depois traçou a última linha azul para o riacho. A cozinha cheirava a manteiga, queijo e floresta de outono. A Avó Inga pôs dois pratos na mesa. Nora pousou o lápis vermelho atravessado sobre o mapa. «No próximo ano», disse ela, «vamos uma coisa de cada vez.»



Nora e o abeto do coração

Nora e a Avó Inga vão à floresta de outono apanhar cantarelos para a tarte de cogumelos da avó. Quando o caminho secreto desapareceu entre as plantas, Nora guia-as, uma coisa de cada vez, até um abeto com um coração na casca.

pt-pt.sagatilldig.se